



Afinal, para que

As figuras são do "Atlas da Fauna do Brasil" de Rodolpho Von Ihering - 1917.

Essa curiosa pergunta me foi feita por um aluno da 5ª série em uma aula de Ciências. Questões semelhantes — "Borboleta tem utilidade?", "Prá que existe barata?", "Baleia é tão importante?" — me revelam a maneira como a maioria das crianças das minhas classes via os animais...

O sistema de classificação dos seres vivos, baseado em sua utilidade, não me foi uma novidade. Já o conhecia de estágios, livros didáticos, conversas com professores, e de minha experiência como aluna. A manifestação dos meus alunos reforçou a idéia de que há uma tendência para se agrupar os seres vivos, conforme sua utilidade para o homem e me estimulou a expor minha opinião sobre isso.

Desde a pré-escola, muitas crianças são ensinadas a dividir os seres vivos em dois grupos: os que são úteis para a vida humana e o resto. No caso dos animais, os importantes são o boi, o porco, a galinha, a ovelha, o cavalo, já que nos fornecem alimento, matéria-prima, ou meios de transporte. Às vezes, animais como cães, gatos, e passarinhos também são considerados úteis, porque dão prazer ao homem. Quanto às plantas, as úteis são as ornamentais e as cultivadas como fonte de matéria-prima ou alimento. As demais são consideradas sem importância e reunidas sob o nome "mato".

Essa abordagem despreza totalmente as relações ecológicas entre os seres em seu ambiente e não mostra que uma espécie é útil para outras que dependem dela para sobreviver. Além disso, a categoria dos animais úteis é tão restrita que exclui animais indiretamente importantes para o homem. Como exemplo, cito aqueles que servem de alimen-

to para os animais que comemos e aqueles que comem (ou competem com) os que são pragas da agricultura ou transmissores de doenças. Assim, por omissão ou por desconhecimento, este enfoque não é coerente com sua própria proposta.

Se, por um lado, os conceitos de *importante* e *não importante* levam as crianças a valorizar e respeitar certos seres vivos, por outro, eles sutilmente sugerem que a existência das espécies consideradas inúteis não tem sentido, que estas não merecem a mesma consideração, ou que aguardam o homem para nelas descobrir alguma serventia. Isso pode comprometer seriamente o estabelecimento de vínculos afetivos entre as crianças e a maior parte dos organismos (bloqueando uma rica fonte de prazer) e dificultar a formação de posturas preservacionistas.

Outra abordagem usada no estudo dos seres vivos, mais comum quando se fala de animais, envolve a classificação destes como perigosos ou inofensivos. Este sistema, apesar de relevante enquanto informa as crianças para que possam evitar acidentes, também é bastante simplista. Ele ainda apresenta inúmeros inconvenientes que me levam a crer que seu uso deve ser repensado.

Primeiro, não é dito ao aluno a situação em que um dado animal é perigoso. Raramente se discute que muitas manifestações dos animais são essencialmente reações de defesa. Um boi, por exemplo, sempre tido como inofensivo, pode se tornar perigoso quando ameaçado. Uma lagarta peluda pode ser perigosa se manuseada.

Segundo, são feitas afirmações com pouca ou



serve o rato?

Patrícia R. Blauth

COLÉGIO GÁVEA
- São Paulo -

nenhuma base científica, que dependem de critérios subjetivos e de opiniões pessoais do professor. Poucos diriam que um urso pode ser perigoso porque é sempre visto como um animal simpático. Já um sapo, tido como "nojento", é menos apreciado e tem sua entrada na categoria dos animais perigosos facilitada e o perigo que pode oferecer, aumentado. Quando os preconceitos são mais sérios, ouvimos: "Os besouros mordem", "Taturana faz mal", "Devemos matar as aranhas porque são venenosas"... Apesar de suas verdades parciais, estas frases demonstram, acima de tudo, atitudes negativas para com estes animais.

Também comum é a atribuição de características humanas aos animais. Não foram poucas as vezes em que vi usados os termos *bom* e *amigo*, *mau* e *inimigo* como sinônimos de inofensivo e perigoso, respectivamente. Estes valores morais dados aos animais fazem com que as crianças associem um animal que pode ser perigoso a uma natureza perversa, a uma intenção de maldade ("O jacaré é *inimigo* do homem", "A cobra é *traíçoeira*"), e não à busca por condições indispensáveis à sobrevivência.

Sei que libertar-se destas idéias constitui uma tarefa um tanto complexa. E não digo que um professor deva ser neutro; é quase impossível que ele não transmita a seus alunos algum sentimento em relação a um dado conteúdo ou ser vivo. Acho, porém, que deveria ser feita uma reflexão constante sobre esta carga de subjetividade presente em seu trabalho didático.

Alguns de meus alunos ainda achavam que a abundância de ratos decorre de sua "inteligência

diabólica". Isso está ligado a outro problema, que é omitir o papel do homem na criação de condições que favorecem o crescimento de populações nocivas. Foi sem dúvida a interferência humana no ambiente que permitiu o incrível sucesso dos ratos, baratas, moscas e outros insetos. Uma abordagem mais ecológica facilitaria a compreensão da responsabilidade do homem.

Em geral, não são mostradas às crianças as espécies consideradas perigosas. Creio que isso seja consequência do pouco uso de material como ilustrações, espécimes vivos ou mortos, etc. Por exemplo, depois de uma aula sobre o Mal-de-Chagas, muitos alunos passam a associar o barbeiro a outros insetos. É assim que muitos besouros, inofensivos do ponto de vista médico, tornam-se temidos. Mostrar figuras de insetos variados, estimulando a observação de suas semelhanças e diferenças, ajudaria a amenizar este problema.

Outro inconveniente é a supervalorização de animais nocivos. Mesmo que o professor tenha de falar sobre malária, febre amarela, elefantíase, doença do sono, mal-de-Chagas, e outras doenças transmitidas por insetos, por exemplo, ele deve ressaltar que o número de espécies perigosas é extremamente pequeno quando comparado ao de inofensivas. Desta forma, mesmo enfatizando questões de saúde pública, evitaria incentivar atitudes negativas em relação ao grupo dos insetos como um todo.

Se estes pontos fossem considerados no estudo dos seres vivos nas primeiras séries, talvez as crianças não achessem que todas as espécies de-



